

A Casa dos Fantasma - Vol II

Luis Augusto Rebelo da Silva

This page formatted 2007 Blackmask Online.

<http://www.blackmask.com>

[I. Quando Deus queria... do norte chovia II. De um argueiro um cavalleiro III. Um conciliabulo político no anno de 1808 IV. Reina a confusão no campo de Agramante V. Francezes á meia noite VI. Uma visão pouco sobrenatural VII. Primeiros clarões de um grande dia VIII. Ralham as comadres descobrem-se as verdades IX. O pae e a filha X. Antes de se levantar o panno XI. A batalha XII. Sol entre nuvens XIII. Conclusão FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME DA «CASA DOS FANTASMAS». NOTAS AO SEGUNDO VOLUME DOCUMENTOS. N.º 1](#)

Produced by Ricardo F. Diogo, Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net>

Nota de editor: Devido à quantidade de erros tipográficos

existentes neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à

versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com

o original. No final deste livro encontrará a lista de erros

corrigidos.

Rita Farinha (Set. 2008)

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XII

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío

II—Odio velho não cança (1.º)

III—Odio velho não cança (2.º)

IV—A Mocidade de D. João V (1.º)

V—A Mocidade de D. João V (2.º)

VI—A Mocidade de D. João V (3.º)

VII—A Mocidade de D. João V (4.º)

VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)

IX—Lgrimas e thesouros (1.º)

X—Lgrimas e thesouros (2.º)

XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)

XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)

XVI—Othello—As redeas do governo

XVII—A mocidade de D. João V (drama). XVIII—O amor por conquista (comedia)—O Infante Santo (fragmento).

XIX—Fastos da Igreja (1.º)

XX—Fastos da Igreja (2.º)

XXI—Fastos da Igreja (3.º)

XXII—Fastos da Igreja (4.º)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA REVISTAS E
METHODICAMENTE COORDENADAS

XII

ROMANCES E NOVELLAS—V

A CASA DOS FANTASMAS

EPISODIO DO TEMPO DOS FRANCEZES

2.ª EDIÇÃO

VOLUME II

LISBOA Empreza da Historia de Portugal *Sociedade editora*

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIAR. *Augusta, 95 | 45, R. Ivens, 47*

1908

A CASA DOS FANTASMAS

IX. O pae e a filha

—Trinta contos! É um sacrificio grande, bem sei, mas a vida e a liberdade valem mais. As provas estão em nossas mãos. Se as abirmos, o conselho de guerra ámanhã...

—Condemna-me á morte?!...

—Sem duvida nenhuma. O capitão de mar e guerra Magendie, nomeado para o presidir, passa por severo e intractavel. Os outros officiaes, sobre tudo mr. Etienne, estão resentidos, e entendem que um exemplo é indispensavel...

—Bem! E o capitão Magendie e os outros officiaes sabem o que me propõe?

—Deus nos accuda! Pois isto são segredos de chocalheiros?! O que lhe estou dizendo ficará entre tres pessoas. O senhor Lagarde, o senhor Paulo de Azevedo, e eu. Vamos! Decida-se. O tempo vôa. O conselho reúne-se ámanhã ás nove horas do dia, e esta noite hão de ser-lhe presentes, ou negados os documentos.

—Uma palavra ainda! Leonor sabe?...

—Para que a haviamos de affligir? A sr.ª D. Leonor, como boa filha, ha de achar tudo justo e rasoavel; mas se for preciso...

—Pois senhor... Quer dizer-me o seu nome?

—Simão... Simão basta.

—Pois, sr. Simão, a minha resposta é simples. Não acceto. Estamos em Portugal, e não nas roças do Brazil. Sou innocente, nunca tive medo da morte, e não compro por nenhum preço esses curtos e attribulados dias, que ainda posso viver. Diga isto a quem o mandou.

—Veja! Medite! Olhe que depois não tem remedio.

—Vejo a infamia, e não me admira. Tractam-nos como captivos, e pedem-nos o resgate? O meu, ao menos, não hão de leval-o d'aqui. Antes as balas dos inimigos da minha patria no peito, do que atirar um real ás mãos immundas dos falsos magistrados, que vendem o sangue.

—Ha de arrepender-se.

—É commigo. Não se incommode a convencer-me.

—Mas a sr.ª D. Leonor?!...

—É filha de soldado. Poupe-lhe a sua piedade. Não gaste mais em vão um tempo precioso; talvez ache em outra parte alguem mais docil. Lance a derrama, colha na rêde o que apanhar, mas, por Deus! livre-me da sua presença e das suas propostas. Está-me fugindo a paciencia por instantes!...

—A sr.ª D. Leonor vem ahi...

—Minha filha?!...

—Sim. Vem vê-lo, e despedir-se talvez. Sabe o que o ameaça. Foi avisada. Dou-lhe uma hora para a abraçar e falarem. Póde revelar-lhe a minha proposta. Aqui volto logo...

—É escusado. Tenho uma palavra só.

—Não importa. Deixe! A firmeza inspira-me interesse. Gosto dos homens da sua rizeja. Seria pena se!...

—Se eu me não quizesse comprar por trinta contos?...

—É verdade. O que são trinta contos para um cavalheiro rico?

—Nada! São sómente uma infamia e uma covardia. O senhor Simão acha natural, e não era de esperar outra coisa; eu unicamente sinto ter as mãos atadas, e não poder estampar a resposta nas faces do villão que me suppoz capaz de tal deshonra. Queira sair!

—Não tenha esse genio! Não lhe levo a mal o desafogo. A gente quando se entala doe-lhe e grita, mas depois vem a reflexão...

—Saia! Não vê que me faz horror e asco?

—Jesus! Que palavras! Eu saio, eu saio! Não se escandeça. Socegue! O que lhe estou dizendo é para seu bem. Até logo! Abrace sua filha, lembre-se de que tudo tem remédio, menos a morte, e caia em si. Acha cara por trinta contos a protecção que lhe offerecemos?! É a vida, é a liberdade!...

Estas palavras foram já ditas de fóra da porta chapeada da prisão. Um impeto de Paulo de Azevedo apressou a retirada do mellifluo procurador das veniagas da policia. O agente, cujos modos e indole de certo denunciou logo ao leitor o dialogo, que acabámos de escutar, seria homem de cincoenta annos. Baixo, livido, e anafado, com uma cabelleira cravada até á testa, uma pala verde deante dos olhos, e um tom aflautado e mavioso, pertencia áquella especie de algozes, que abraçam a victima com o riso nos labios, e que a dilaceram, consolando-a com phrases dulcissimas.

Mas a physionomia abjecta e repugnante não podia enganar ninguem. A providencia traduzira fielmente em suas feições ignobeis a perfidia e a traição. Aguazil promovido por mil torpezas á jerarchia de espião em chefe e de confidente de Lagarde, vociferava contra sua maldade até a plebe dos malsins, seus humildes subditos. As lagrimas e os tractos eram para elle um prazer suave; e armado de dentes até o umbigo, a sua avidéz insaciavel, mas inventiva, achára artes de devorar até a pobreza e a miseria, tornando suas tributarias as enxovias, as galés, e a prostituição.

Nunca Paulo d'Azevedo alcançára sobre si maior victoria, do que reprimindo os accessos de colera, em que por vezes o sangue lhe subiu ao rosto, e abstendo-se de corrigir, alli mesmo, e por sua mão, o emissario descarado da venalidade do intendente geral da policia. A lucta custou-lhe, porém, esforços, que depois lhe quebraram o animo. Leonor, entrando, assustou-se de o ver sentado, ou antes prostrado, com o rosto entre as mãos, e a alma e o coração tão trespassados, que de desfallecimento quasi havia perdido todo o accordo. Para o despertar do lethargo doloroso foi necessario, que a mão delicada e a voz affectuosa da filha despertassem a ternura em seu peito quasi insensivel á força de oppressão.

—Meu pae! Meu querido pae! exclamou a donzella, cingindo-lhe os braços ao collo, e beijando-o extremosa e arrebatada.

—És tu Leonor! Minha Leonor! Ai filha! Que saudades e que tristezas desde que nos separámos!

—Então! São trabalhos com que Deus quer provar a nossa resignação. Louvemos a sua bondade e confiemos na sua justiça.

—Nunca duvidei d'ellas. Submisso e conforme com a vontade do Altissimo espero que Elle disponha de mim. Já sabia que vinhas, que te davam licença...

—Disse-lh'o aquelle homem de preto, que saiu, quando entrei?...

—Disse. E nunca os ferros me pesaram tanto como ha pouco. Não imaginas o que elle me propoz?!...

—Da parte de Lagarde? Adivinho! Um casamento para mim?!...

—Um casamento para ti?! bradou Paulo erguendo-se convulso. Pois o infame atreveu-se a pedir a tua mão?...

—Tranquillize-se, meu pae, não era para elle. N'esse ponto ao menos fez-me justiça, accudiu a donzella sorrindo.

—Então para quem?

—Para um sobrinho seu, Armand d'Aubry, militar, moço, e digno de estima pelas qualidades.

—E tu? interrogou o pae, fitando-a.

—Respondi que não! redargui Leonor serenamente. Como a minha mão era o pretexto de um resgate, e o que Lagarde cubiçava eram os meus bens, offereci-lhe os que herdei de minha mãe em troca da vossa liberdade.

—Fizeste mal! disse o cavalheiro severo, mas commovido. E o sobrinho, esse Aubry, tão vil como o tio, estendeu logo a mão, e acceitou o preço? Vens pedir o meu consentimento?!

—O sobrinho, meu pae, alma grande e nobre, tudo, rejeitou a minha mão e os meus bens, redarguiu a donzella.

—Ah! Tanta generosidade em um francez!... Espanta-me! Acaba!

—Tenho concluido. Aubry pediu-me perdão da vileza do tio, e jurou proteger-nos...

—De graça? Duvido! Verás que não! insistiu Paulo, meneando a cabeça com ar incredulo.

Representou um lance de theatro, talvez ensaiado em casa para figurar de homem de brios, e a esta hora estará rindo-se com Lagarde da tua simplicidade em o acreditar.

—Não julgo, meu pae, que se ria de mim com Lagarde, porque rompeu com elle.

—Apparencias!

—Verdades! E a prova é que se Manuel Coutinho, o coronel de milicias de Leiria, e muitos outros não gemem hoje em uma prisão, á generosidade de Aubry o devem.

—Ah! Conta-me essa historia. Quero saber-a.

Leonor expoz-lhe então os successos, que o leitor já conhece, e terminou manifestando a sua confiança nas promessas do official francez.

—É um procedimento nobre! Quasi que tenho pena que a acção fosse de um francez. Não gosto de dever a inimigos. Não importa. De hoje em diante esse mancebo é sagrado para nós como um parente. Agora, Leonor, chega-te mais para mim. Quero ver-te mais de perto. Estás pallida, muito pallida, mas fica-te bem. Cada vez mais linda! E havia de um estrangeiro levar-me a joia da minha alma por uns mezes mais, ou menos de velhice cansada?! És o retrato de tua sancta mãe—não nos olhos!—os teus são mais pretos e formosos e os cabellos tambem! Senta-te aqui nos meus joelhos. Agora um beijo, muitos beijos!... Ha tanto tempo que te não via, filha! Não imaginas como a tua falta me fazia velho! Dize-me, ajuntou com um sorriso humido das lagrimas, que estavam a saltar, e os amores, como vão os nossos amores? Manuel Coutinho adora-te como tu mereces, não? É sempre escravo dos caprichos da sua noiva? Quero saber tudo!...

—Meu pae! accudiu ella córando cheia de rubor, e escondendo a face no hombro do ancião.

Por isso mesmo, porque sou teu pae, é que pergunto. Bem! Bem! Se Deus quizer hão de ser muito felizes ambos! Mas disseram-me que vinhas despedir-te...

—Despedir-me?! exclamou a donzella sobresaltada. Despedir-me porque?! A condessa da Ega alcançou-me licença para entrar aqui, e vim logo. Sabe as noticias, as grandes noticias que ha, e que já são certezas?

—Não sei nada, filha. Não falo senão com os guardas, que são francezes, e bem vês...

—Que hão de encobrir tudo. Pois ouça. Tenho muito que lhe contar. Alegre-se, e diga se não tenho razão de lhe pedir alviçaras.

A narração feita pela donzella com as mãos entre as do pae, com os lindos olhos accessos em entusiasmo, e fitos nos d'elle, e com o rosto inflammado nas risonhas côres da esperança, a pouco e pouco foi communicando a Paulo de Azevedo o ardor e o jubilo, que exaltavam aquelle animo juvenil. Suspenso dos labios queridos da filha, quando ella lhe pintou a insurreição de Traz-os-Montes, o cavalheiro não pôde conter-se, que não exclamasse:

—Ah! Sepulveda! Que invejas hão de ter muitos mancebos aos teus oitenta annos!...

Quando lhe descreveu o Algarve, Coimbra, Leiria, e o Alemtejo sublevados, e desafiando com as armas na mão a pericia dos francezes, o antigo official, levantando-se, e córando de prazer, bradou:

—Portugal! Julgavam-te morto, e até queriam rasgar e repartir entre si a tua mortalha?! Bom é que lhes mostres que vives, como viveram nossos antepasados. Aljubarrota, Valverde, o Canal, e Montes Claros foram a licção dos invasores de hontem, assignala o teu valor em novos campos de batalha para terror e castigo dos invasores de hoje! Continúa, Leonor!

A amante de Manuel Coutinho, proseguindo, contou-lhe a chegada e o desembarque de sir Arthur Wellesley, a marcha do exercito nacional ás ordens de Bernardim Freire, o combate da Roliça, e a saída de Junot ao encontro das tropas britannicas.

—Louvado sejaes, Senhor, pela grandeza insondavel de vossa justiça! exclamou o ancião, inclinando reverente a frente, e erguendo as mãos. Do grão de areia formaste a montanha, que se levanta contra os soberbos, dos fracos e desamparados compões a força, que ha de subjugal-os. Leonor! Junot será vencido! Diz-m'o o coração, diz-m'o a vontade do céu manifestada em tantos prodigios. Ditosos olhos os que virem romper a aurora do grande dia da nossa liberdade, que já sinto proximo!

—Então, meu pae, não lhe dizia eu, que o nosso captiveiro estava a findar por pouco?!

—O teu, filha, o da patria, e ainda bem! O meu!...

—O vosso tambem. Porque não?! accudiu ella, abraçando-o.

—Talvez acabe mais cedo mesmo! Quem sabe! Não importa. No fim de tudo?! murmurou consigo. Possa o meu sangue, como expiação, lavar as ultimas nodoas da culpa, por que este reino foi castigado!

—Senhor Paulo! Passou a hora! O que me diz? Está mais socegado. Volveu á serenidade que tão bem lhe fica?

Era a voz aflautada do agente de Lagarde, cuja cabeça de reptil se arriscava, toda olhos e ouvidos, por entre a porta aberta sem ruido. O cavalheiro estremeceu e descórrou. Cresceu-lhe a ira, e investindo contra elle obrigou-o a desaparecer. Um clarão sombrio, que faiscou ao mesmo tempo de suas pupillas, exprimiu toda a sua raiva.

—Ah! bradou elle. Ainda este homem aqui!...

—Quer que entre? perguntou o delator sempre escudado com a porta.

—Entre! Leonor, és filha de militar. Tens animo e constancia, bem sei. Ouças o que ouvires, não te assustes, não digas uma palavra.

Voltando-se para o confidente da policia, cujo sorriso oleoso parecia grávido de mysterios e de insinuações, accrescentou depois:

—Veiu propor-me ainda agora, que eu comprasse a minha vida por trinta contos. Já lhe respondi, e repito deante de minha filha: se estivesse solto, seu amo pagaria a affronta, a que teve a covardia de se atrever contra um preso! Captivo, e em poder de inimigos, tenho só livre a alma para protestar, e para dizer que prefiro mil vezes a morte á infamia de pesar o meu sangue a ouro nas balanças iniquas de um salteador e de um espião. Póde sair!

—Sr.ª D. Leonor, gritou Simão, não deixe seu pae assassinar-se por uma teima! E o agente, simulando compunção hypocrita, quasi se lançára de joelhos aos pés da donzella, que se desviou enojada. O sr. Paulo não lhe disse nada, agora vejo! O conselho de guerra julga-o ámanhã ás dez horas; e a sua sentença... é de morte! Offereci-lhe salv-o por uma quantia. Quer á força sacrificar-se! Commetter um crime, um suicidio! Diga-lhe!...

—Que o meu coração se despedaça de o perder, mas que a minha alma se arrebatada de admiração com a sua nobre recusa? É isto o que quer que eu diga? Para quê?! Ha muito que meu pae e eu nos conhecemos!...

—Oh! minha senhora! Cuidei que amava mais seu pae, do que trinta contos de réis! observou o espia ferindo todos os alvos.

—Meu pae fez o seu dever. Rejeitou o pacto infame. Eu cumpro o meu, dizendo-lhe que nunca tive tanto orgulho em me chamar sua filha.

—Mas! A sentença é infallivel e executa-se logo. Ámanhã á tarde terá de orar sobre um cadaver! Veja que está matando seu pae!

—Silencio! clamou o cavalheiro indignado e terrivel de aspecto. Assassino és tu, mas da honra dos homens, e até da fraqueza de uma senhora. Vai-te! Perdes aqui o tempo, não achas compradores, e podes encontrar... Por Deus! Não me tentes mais!

—Tenha dó de si! insistiu o agente, recuando deante do ancião, mas orando sempre em nome dos trinta contos. Não se fie em vans esperanças. Ninguem o salva senão nós, minha senhora! O capitão Magendie, conhecido pela severidade, é o presidente do conselho de guerra, e a vida de seu pae...

O honrado Simão aqui estacou com o resto da phrase estrangulado na garganta. Uma larga mão, desabando-lhe sobre o hombro com o peso de um rochedo, acachapou-o debaixo do seu vigoroso impulso. Ao mesmo passo uma voz aspera e imperiosa dizia-lhe com ironica intenção:

—Chamavas pelo capitão Magendie, creio eu. Aqui está o capitão Magendie! Repete deante d'elle o que dizias nas suas costas! Quero saber se ousavas fazer-me cumplice do infame pacto de sangue, que vieste propor! Fala!

Paulo de Azevedo e sua filha contemplaram attonitos e cheios de assombro a subita intervenção d'aquelle homem, que um erro de officio do espia, deixando a porta da prisão aberta atraz de si, introduzira no momento mais interessante do drama, de que eram auctores e personagens.

—Fala que mando eu! repetiu o capitão, saccudindo o delator livido, tremulo, e mudo de terror.

O cavalheiro e Leonor começavam já a compadecer-se do infeliz Simão, muito parecido n'este instante a um chacal colhido nas garras do leão.

—Fala, ou morres aqui mesmo! bradou pela terceira vez o capitão de mar e guerra. Quero ouvir e saber tudo!

N'este momento as faces de Leonor afoguem-se do mais vivo carmim. Uma figura nova acabava de entrar em scena. Era Armand d'Aubry. O mancebo aproximou-se d'ella com um sorriso, cortejou Paulo de Azevedo, disse-lhe o seu nome, e beijando a mão á donzella com respeito, disse-lhe:

—Não é verdade, minha senhora, que já me accusava de vanglorioso, ou de esquecido?...

—Eu, senhor d'Aubry! Que direito tinha para isso?

—A minha palavra dada.

—Sei que é escravo d'ella; mas ás vezes ha razões...

—Nenhuma póde desculpar um descuido, que eu confesso, e que podia ter sido fatal. Fiei-me na palavra... de um homem que a trahiu, e descancei de mais. Felizmente chego ainda a tempo!

Um grito agudo de dor arrancado ao virtuoso Simão pelos dedos de ferro de Magendie interromperam n'este ponto a conversação.

D'Aubry, adeantando-se, interpoz-se entre a victima e o militar irritado.

—Magendie! disse meio serio, meio a sorrir-se, quereis esmagar esse verme debaixo dos tacões das botas?!...

—Não! Fôra vergonha e opprobrio! Mas o miseravel invocava o meu nome, quando entrei! Quero saber o que ousou inventar!

—Deixe-o! accudiu Leonor, dando alguns passos para o capitão. O que elle propunha não deshonor o sr. Magendie.

—Espero que não se atrevesse a implicar-me nas torpezas, que vinha aqui negociar. Se o fez... juro pela minha espada que lhe arranco a lingua mentirosa...

—Não! Não! atalhou a donzella. Falou só da severidade do sr. Magendie, e da sentença de morte que ha de proferir amanhã contra meu pae.

—Eu! Ah! Pois tiveste a insolencia de fazer de mim carrasco? Serás punido! E arremettendo contra o espia, inerte e transido, serviu-lhe as costellas de tres, ou quatro pranchadas, que retiniram, seguindo-se umas ás outras com a velocidade do raio.

—Magendie! Basta! Deixa esse desgraçado! clamou Armand, sustendo-lhe o braço já alçado para repetir a correcção.

—Sáe! ajuntou arrastando o delator quasi pela gola da casaca, e lançando-o fóra. Se te demoras... não levas um osso inteiro.

Simão desapareceu, lastimado do corpo, e dorido da alma, pelo exito pessimo da sua missão.

—Minha senhora, disse d'Aubry com nobreza. Os instantes são preciosos. O general Junot, que não é tão mau, como o odio dos portuguezes o crê, informado de tudo—porque não lhe occultei nada—assignou a ordem de soltura de seu pae sob palavra sómente, de que o sr. Paulo de Azevedo não ha de pegar em armas contra as tropas de sua magestade o imperador e rei n'esta ocasião. Fui talvez temerario, mas obriguei-me em nome do preso. Se me excedi, como só eu respondo...

—Meu pae! Meu querido pae! Livre! Solto!... exclamou Leonor apertando o ancião nos braços. Obrigada sr. Armand! Obrigada!

—Sr. d'Aubry! redargui o cavalheiro, vencendo a custo a commoção, e não soltando do coração a filha amorosamente cingida ao peito, a palavra, que deu, é como se fosse minha. Não abusarei da sua generosidade. Verei de longe os successos, mas não estranhe, não me leve a mal, que suspire pela victoria dos meus compatriotas...

—É tão natural! O que hei de estranhar? Sr. ^aD. Leonor! Se lhe disserem que Armand d'Aubry ficou no campo, lembre-se d'elle, lembre-se do homem, que, não podendo merecel-a, quiz ao menos eximir-se ao seu despreso.

—Despreso!? Porque nos fez Deus nascer tão separados, sr. d'Aubry!

—Paciencia, accudiu o mancebo com um sorriso contrafeito. Seja minha irmã! E se em suas orações não póde pedir a Deus que faça triumphar a minha causa, rogue-lhe ao menos que me dê a morte gloriosa do soldado. Adeus! Lembre-se alguma vez de mim sem odio. Magendie são horas! Se quereis ser dos primeiros na batalha... a cavallo, e a galope!

X. Antes de se levantar o panno

Junot sobresaía no valor heroico. Era a imagem viva dos paladinos cantados pelo Ariosto. O peso das responsabilidades acurvava-lhe, porém, o animo, e as complicações do governo afrouxavam-lhe a vontade. Soldado sem emulo na intrepidez facilmente se offuscava no gabinete, ou no conselho, aonde a sua estrella esmorecia com frequencia. Grande, quando não era o primeiro, sentia vacillar nas mãos o leme do Estado no exercicio da suprema auctoridade.

Accrescentemos, para sermos justos, que a culpa das infelicidades foi menos sua, do que filha das ordens que o subjugaram de longe, e das circumstancias que o opprimiram de perto. A invasão de Portugal e a usurpação da Hespanha, dois attentados agravados por meios arditos, assignalaram os primeiros passos de Napoleão I para o precipicio, d'onde se despenhou poucos annos depois.

A casa de Bragança e a dynastia dos Bourbons, duas realezas desamparadas, dois cadaveres (na opinião do conquistador), uma fugida na America, outra expiando em Vincennes as scenas de Bayonna, apenas lhe mereceram que lançasse sobre ambas o seu manto de abelhas para as sepultar! Riscadas do livro de ouro dos soberanos pela espada, suppoz erradamente o moderno Cesar, que tambem acabariam de se extinguir no amor dos subditos, como tinham desaparecido a um aceno seu do theatro agitado da epocha. Cegueira! Captivos os principes ou ausentes, a saudade e os brios das nações armaram contra elle adversarios mais terriveis. Pela primeira vez se encontrou com os povos, e a sua fortuna começou a empallidecer desde então. Com estes novos adversarios a tactica e a disciplina quasi que eram vans; as victorias consumiam os vencedores; e cada gotta de sangue, que tingia a terra, levantava uma legião de inimigos.

A alliança das revoluções populares com a causa dos monarchas proscriptos mudou todas as condições da lucta. As derrotas não provaram nada em favor dos invasores; pelo contrario os revezes aniquilavam exercitos completos. O exemplo de Bailén viera demonstral-o. O duque de Abrantes via tremar em Portugal pelos alicerces o edificio da dominação franceza, e apprehensões rasoaveis diziam-lhe que, desabando elle de repente, podia colhel-o debaixo das ruinas, e aos seus companheiros de armas. D'este receio se originaram os maiores erros, que lhe censuram n'esta campanha.

Se não contrahiui a tempo as forças repartidas pelos presidios do reino, é porque temeu, aos primeiros rebates do canhão inglez, que Lisboa lhe escapasse, e que as praças, chaves, de provincias populosas, lhe cerrassem as portas, obrigando-o a escolher entre a morte do soldado e a capitulação affrontosa de Dupont. De dois males inevitaveis optou pelo menor. A furia guerreira de seus granadeiros podia talvez supprir a inferioridade do numero; mas, sublevada a capital, e perdidas as fortalezas, todas as esperanças de retirada se desvaneciam. Foi o que o decidiu.

Sir John Moore abicára com o seu corpo de tropas ás praias da Figueira. Sir Harry Burrard, Clinton, e Murray com suas brigadas já avistavam as costas de Portugal. Demorar-se em repellir Wellesley equivalia a deixar engrossar pela junção a vaga ameaçadora dos contrarios. Junot lembrou-se, de que não era costume seu recuar, e arremessando a luva aos inimigos com tantas probabilidades contra si, confiou talvez, em que um dos ultimos raios do sol de Austerlitz viria illuminar mais um dia de triumpho para as armas francezas.

Calculadas pelos mappas, as tropas francesas no dia 15 de julho ascendiam a vinte e seis mil homens; porém, um mez depois, quando se contaram as praças presentes para as metter em linha, apenas appareceram dez mil soldados effectivos! As marchas forçadas de julho pela Extremadura e Alemtejo, as fadigas e ardores do clima tinham devorado quasi tres mil prostrados nos leitos dos hospitaes. Cinco mil e seiscentos occupavam Almeida, Elvas, Palmella, Peniche e Santarem. Dois mil e quatrocentos guardavam Lisboa; mil continham a bordo dos navios os prisioneiros hespanhoes: e os tres mil restantes vigiavam os fortes, as baterias, e as torres levantadas nas duas margens do Tejo.

O duque, partindo para abrir a campanha, já tarde conheceu, que em vez de conservar sobre os inglezes a superioridade indispensavel para os ferir e arrancar no momento dado, sacrificára ao proposito secundario de assegurar a defeza do rio e das fortificações do reino a sorte das aguias imperiaes, avistando-se com Wellington na proporção de um contra dois, ou peor ainda, depois do desembarque das quatro mil e duzentas bayonetas dos brigadeiros Anstruther e Ackland, desembarque operado durante o dia e parte da noite de 20 de agosto. Apezar d'isso, resolveu Junot, não só pelejar, mas sahir ao encontro de sir Arthur, e combatel-o aonde o encontrasse. O astro do imperio resplandecia ainda sobre a Europa, e as victorias, companheiras fieis dos capitães de Buonaparte, apenas em Hespanha lhe negavam um, ou outro sorriso. Mas a fortuna principiava já a cansar-se, e o genio de Napoleão, unico digno de a dominar, faltava n'este instante critico aos batalhões desterrados no extremo occidente pela sua ambição.

Foi em Torres Vedras, que o duque de Abrantes concentrou todo o exercito, e que, passando-lhe revista, encontrou só onze mil e quinhentos soldados, mesmo arrolando os não combatentes. Duas divisões de infantaria commandadas por Delaborde e Loison, uma reserva de granadeiros, e uma divisão de cavallaria ás ordens de Margaron, em força de mil e duzentos homens, caçadores a cavallo, e dragões, em quatro regimentos de dois esquadrões cada um, com vinte e seis bôccas de fogo, regidas pelo general Taviel, compunham todo o poder militar, de que dispunha o logar-tenente de Napoleão I na vespera da batalha, em que se iam travar braço a braço as duas nações ha tantos annos emulas, e cada dia mais implacaveis no designio de se suplantarem, como se uma devesse necessariamente offuscar a outra, ou como se a Europa não offerecesse espaço sufficiente a ambas para existirem e prosperarem.

Sir Arthur Wellesley, nos exordios da sua carreira na Peninsula, logo revelou as qualidades que o habilitavam a competir com os mais illustres capitães sem desafiar um d'aquelles immensos desastres, que immortalizam nas paginas da epopeia napoleonica o infortunio de tantos generaes. Concedendo pouco, ou nada, ao acaso, e não estribando as combinações nos rasgos duvidosos de temerarias emprezas, concebêra o seu plano com a prudencia fria, que sempre em tudo caracterizou seus calculos. Prevendo que, senhores de Lisboa, os francezes podiam atravessar o Tejo sem obstaculo, assoberbar as provincias do sul, e communicarem, por via d'ellas, com a fronteira hespanhola, e não querendo arriscar-se a um revez possivel no ataque de Torres Vedras, determinára tornear o exercito do duque de Abrantes por um movimento audaz, cortando a marchas forçadas pela estrada de Mafra, e chegando adeante d'elle ás portas da capital. A sir John Moore cumpria ao mesmo passo descer de Coimbra e occupar Santarem, vedando tambem por este lado a retirada dos contrarios.

Estavam expedidas as ordens n'este sentido, e marcados o dia e a hora, em que haviam de principiar a executar-se. Mas sir Harry Burrard, tenente general mais antigo, e segundo commandante das tropas britannicas, afferrou no dia 20 de agosto a enseiada de Maceira, e Wellesley foi immediatamente a bordo conferenciar com elle, e expor-lhe o verdadeiro estado das operações. Sir Harry não formava exacto juizo das forças de Junot, nem sabia apreciar as difficuldades, que podiam oppor-lhe. Ignorava tudo. A tenacidade da resistencia de Laborde na Roliça infundia-lhe receios, e antes de se medir com os francezes quiz ter proximos os onze mil auxiliares de sir John Moore, ordenando a sir Arthur, que se sustentasse no terreno, aonde acampára, e expedindo avisos sobre avisos aos navios fundeados no porto da Figueira para que o desembarque de suas tropas se realizasse nas proximidades da Lourinhã.

As posições occupadas por Wellesley eram seguras e pouco accessiveis. O Vimeiro assenta-se no regaço de um valle banhado pelas aguas do Maceira. Ao norte altea-se em seios sinuosos um ramal de collinas, cortado da parte de leste por uma quebrada rota em largo barranco. A estrada da Lourinhã atravessa por cima dos cabeços d'esta cordilheira passando pelos casaes de Fontanel e da Ventosa. Nas costas do Vimeiro, ligadas quasi as primeiras casas da povoação com suas faldas, ergue-se uma montanha, meio vestida de arvores e matas, meio nua e escalvada. De seu topo annuviado descobriam-se os caminhos e sendas, torcidas em diversas direcções para Torres Vedras. Sobranceira a esta elevação, enlaçando-se os montes, e empinando-se uns por cima dos outros, corre a serra, a qual em ondulações, mais ou menos asperas, se prolonga quasi a beijar o mar, abraçando do lado de oeste todo o espaço comprehendido entre a margem esquerda do Maceira e a orla da costa.

Seis brigadas ás ordens de Hill, Crawford, Ackland, Nightingale e Fergusson, com as avançadas

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

